

## “E havia livros na caixa de Pandora...” A literatura como enfrentamento da adversidade

ROSA MARIA NORONHA DIAS\*

**Resumo:** No mito de Pandora, quando a caixa é aberta, males são espalhados pelo mundo e somente a esperança permanece. De que esperança o mito nos fala? Pode a Literatura ser considerada um recurso de enfrentamento diante dos males que nos acometem? Pode a Literatura em algumas situações ser a porta-voz da esperança? Este artigo apresentará a definição de mito, suas características e qual seu valor na história da Humanidade. Também apresentará o mito de Pandora e as variações encontradas, além de trazer algumas representações artísticas sobre Pandora e o quanto cada uma delas fala da visão histórica de mulher. Abordará as semelhanças e diferenças entre o mito grego e o mito judaico da criação de Eva, a primeira mulher. O artigo pretende assinalar como o conceito de esperança é variável, dependendo do momento histórico e dos sujeitos sociais e explorar o conceito de resiliência, originário da Física e da Engenharia e tomado emprestado pela Psicologia para estudar os processos de resistência e sobrevivência aos infortúnios e à adversidade. Também discutirá a possibilidade da Literatura servir como instrumento de reconstrução do sujeito, apresentando o trabalho da antropóloga Michèle Petit com grupos em risco social através da leitura compartilhada.

**Palavras-chave:** mito; resiliência; leitura; leitura compartilhada; esperança.

**Abstract:** In Pandora's myth, when the box is opened, evils are spread around the world and only hope remains. Which hope does the myth tell us? Can Literature be considered a coping resource on the evils that beset us? Can Literature, in some situations, be the spokesman of hope? This article will present the myth definition, its characteristics and what its value in human history. It will present the myth of Pandora and the its variations, besides bringing some artistic representations about Pandora and how much each one of them talks about the historical vision of women. It will address the similarities and differences between the Greek myth and the Jewish myth of the creation of Eve, the first woman. The article aims to point out how the concept of hope is variable, depending on the historical moment and social subjects and to explore the concept of resilience, originating in Physics and Engineering and borrowed by psychology to study the processes of resistance and survival to misfortunes and adversity. It will also discuss the possibility of Literature acting as the tool of reconstruction of the subject, presenting the work of anthropologist Michèle Petit on social groups at risk through shared reading.

**Key words:** myth; resilience; reading; shared reading; hope.



\* ROSA MARIA NORONHA DIAS é Pós Graduada em Psicologia Clínica-Institucional; professora regente de Sala de Leitura da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro; atriz e contadora de histórias.

### Discussão teórica e análise

A sociedade ocidental recebeu grandes contribuições da cultura grega, no que tange à filosofia, às artes e às demais áreas do conhecimento. Uma das formas através da qual este rico material foi perpetuado é sua mitologia que, apesar de remontar a épocas bem antigas, continua viva e presente entre nós, através de seus heróis, deuses e mitos.

O que são os mitos? Etimologicamente, *mythos*, palavra de origem grega, significa narrativa. Segundo Coelho (2012, p.139), *“são narrativas primordiais que, sob forma alegórica, explicam de maneira intuitiva, religiosa, poética ou mágica os fenômenos da vida humana em face da natureza, da divindade e do próprio homem. Cada povo da antiguidade (ou os povos primitivos que ainda sobrevivem em nossos tempos) tem seus mitos intimamente ligados à religião ancestral, ao começo do mundo e dos seres e também à alma do universo.”*

Campbell (1990, p.32), apud Bussato (2003, p.34) aponta para quatro funções do mito: *“a primeira seria a mística, os mitos nos abrindo a trilha para a “dimensão do mistério”, para a “consciência do mistério que subjaz a todas as formas”. A segunda função, a “dimensão cosmológica”, aquela que mostra qual é a forma do universo. Como terceira função, ele aponta o caráter sociológico do mito, aquilo que dá suporte a uma sociedade e, por fim, a quarta função, que ele chama de função pedagógica, ou seja, “como viver uma vida humana sob quaisquer circunstâncias”.*

Os mitos explicavam as grandes questões sobre a vida e o mundo, questões para as quais os povos da antiguidade – no caso, os gregos – não encontravam explicação no seu cotidiano. No entanto, ao longo

do tempo, críticas ao pensamento mítico foram crescendo e tomando corpo, abrindo campo para o nascimento da Filosofia. Não seriam mais os deuses, tão antropomorfizados – e esta era a maior crítica que os pré-socráticos faziam a eles, segundo Brandão (1986) – que dariam suporte e sentido à existência humana.

No entanto, se hoje os mitos estão esvaziados de seu componente de sacralidade, ainda assim sobrevivem e mantêm seu frescor, nos dando pistas de como pensavam os antigos e falando de forma simbólica sobre questões ainda atuais. Ou ainda, segundo Gusdorf (1953, p.8) apud Brandão (1986, p.34): *“A consciência mítica, embora reprimida, não está morta. Afirma-se mesmo entre os filósofos e sua persistência secreta encoraja-lhes talvez os empreendimentos no que estes têm de melhor. Não se trata, por conseguinte, de uma simples arqueologia da razão. O interesse pelo passado constitui-se aqui na preocupação com o atual”.*

Chegamos, enfim, ao mito de Pandora, ou na grafia grega, Πανδώρα. No significado de seu nome já começam as divergências: pode ser *“a que possui todos os dons”*, *“porque todos os deuses lhe deram um presente”* ou ainda *“a que presenteia tudo”* (PELLIZER et al, 2013).

Sua história é contada por Hesíodo, poeta grego que viveu nos fins do século VIII a.C.. A Grécia de seu tempo estava saindo de um longo período de governos monárquicos e vendo nascer uma sociedade aristocrática e oligárquica. Sob estas movimentações sociais, Hesíodo escreveu, entre outras obras, *Teogonia* e *Trabalhos e dias*. No primeiro, além de listar a árvore genealógica dos deuses e daqueles a eles relacionados – a primeira citação à Pandora – trata também da origem do mundo. Em sua segunda obra,

retorna à Pandora quando trata do trabalho como um castigo imposto por Zeus aos mortais. Segundo Brandão (1986, p.153), Hesíodo era bem um homem de seu tempo. Vemos “através de seus dois poemas, o antídoto religioso que ele nos apresenta para os males de seu século, bem como seus sonhos e conselhos para os séculos futuros. (...) Quem procurou, na Teogonia, partir do Caos para a justiça, cifrada em Zeus, e nos Trabalhos e Dias conjugar o trabalho com a justiça está inteiro em seu século e nos séculos vindouros!”

No entanto, antes de apresentar a história de Pandora, gostaria de assinalar outra divergência: ao estudar sobre cerâmica grega, Harrinson (1903) encontrou uma ânfora datada do século V a.C., anterior à obra de Hesíodo, que parecia fazer uma referência à Pandora. Nesta ânfora, se vê Pandora saindo da terra na presença de Hefesto, Hermes e Zeus, como uma representação de uma deusa da terra. Para Harrinson, Pandora na mitologia patriarcal de Hesíodo, tem sua imagem transformada e diminuída.

Apresentarei a versão de Brandão e texto original de Hesíodo, para em seguida estabelecer relações entre estas e outras fontes.

*“Prometeu passa por haver criado os homens do limo da terra, mas semelhante versão não é atestada em Hesíodo. O filho de Jápeto, bem antes da vitória final de Zeus, já era um benfeitor da humanidade. Essa filantropia, aliás, lhe custou muito caro. Foi pelos homens que Prometeu enganou a seu primo Zeus por duas vezes. Numa primeira (...) Prometeu, desejando enganar a Zeus em benefício dos mortais, dividiu um boi enorme em duas porções: a primeira continha as carnes e as entranhas, cobertas pelo couro do animal; a segunda, apenas os ossos, cobertos com a gordura*

*branca do mesmo. Zeus escolheria uma delas e a outra seria ofertada aos homens. O deus escolheu a segunda e, vendo-se enganado, "a cólera encheu sua alma, enquanto o ódio lhe subia ao coração". O terrível castigo de Zeus não se fez esperar: privou o homem do fogo, quer dizer, simbolicamente dos nús, da inteligência. (...) Novamente o filho de Jápeto entrou em ação: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma fêrula e a trouxe à terra, "reanimando" os homens. O Olímpico resolveu punir exemplarmente os homens e a seu benfeitor. Contra os primeiros imaginou perdê-los para sempre por meio de uma mulher, a irresistível Pandora e contra o segundo a punição foi terrível. Prometeu foi acorrentado com grilhões inextricáveis no meio de uma coluna. Uma águia enviada por Zeus lhe devorava durante o dia o fígado, que voltava a crescer à noite.*

*Para perder o homem, Zeus ordenou a seu filho Hefesto que modelasse uma mulher ideal, fascinante, semelhante às deusas imortais. Pandora é, no mito hesiódico, a primeira mulher modelada em argila e animada por Hefesto, que, para torná-la irresistível, teve a cooperação preciosa de todos os imortais. Atená ensinou-lhe a arte da tecelagem, adornou-a com a mais bela indumentária e ofereceu-lhe seu próprio cinto; Afrodite deu-lhe a beleza e insuflou-lhe o desejo indomável que atormenta os membros e os sentidos; Hermes, o Mensageiro, encheu-lhe o coração de artimanhas, imprudência, astúcia, ardis, fingimento e cinismo; as Graças divinas e a augusta Persuasão embelezaram-na com lindíssimos colares de ouro e as Horas coroaram-na de flores primaveris... Por fim, o Mensageiro dos deuses concedeu-lhe o dom da*

*palavra e chamou-a Pandora, porque são todos os habitantes do Olimpo que, com este presente, "presenteiam" os homens com a desgraça! Satisfeito com a cilada que armara contra os mortais, o pai dos deuses enviou Hermes com o "presente" a Epimeteu. Este se esquecera da recomendação de Prometeu de jamais receber um presente de Zeus, se desejasse livrar os homens de uma desgraça. Epimeteu, porém, aceitou-a, e, quando o infortúnio o atingiu, foi que ele compreendeu... (Trab. 60-89). A raça humana vivia tranquila, ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças, mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa, que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, dela evolveram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Só a esperança permaneceu presa junto às bordas da jarra, porque Pandora recolocara rapidamente a tampa, por designio de Zeus, detentor da égide, que amontoa as nuvens. É assim, que, silenciosamente, porque Zeus lhes negou o dom da palavra, as calamidades, dia e noite, visitam os mortais...*" (1986, p.166-168)

Este é o reconto de Brandão, fiel à "espinha dorsal" do mito e escrito a partir de sua compreensão deste. Segue o trecho do texto de Hesíodo, onde se encontra o momento crucial do nascimento da primeira mulher, da disseminação do mal entre os mortais e do fim da Idade de Ouro, tempo de pureza, prosperidade e felicidade:

"... Antes [da chegada de Pandora] a raça humana  
Tinha vivido da terra sem problema,  
sem trabalho  
Sem doença e sem dor...  
Mas a mulher tirou a tampa da jarra  
com suas próprias mãos  
E espalhou todas as misérias que

significam tristeza para os homens.  
Apenas a Esperança foi deixada no jarro inquebrável,  
Grudada embaixo da tampa, e não pôde voar.

A mulher fechou a tampa do jarro,  
E pelo plano do dono de tudo, o que pastoreia nuvens, Zeus,  
Já naquele momento milhares ou mais de outros horrores se espalhavam entre os homens,  
A terra está cheia de coisas más, e o mesmo acontece com o mar"  
(HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 90-101 apud LAURIOLA, 2005)

Segundo Panofisk, D. e E. (2009), o mito de Pandora ficou relativamente ignorado pelos romanos, desapareceu na Idade Média e ressurgiu apenas na Renascença, não na Itália, mas na França. Além disso, afirmam que muitas incongruências são percebidas ao longo do tempo e das inúmeras versões, dificultando e conflituando as possíveis interpretações do mito. Por exemplo: em algumas versões mais recentes e populares, Pandora veio do Olimpo com uma caixa, mas, no entanto, outros estudiosos – inclusive é o que está escrito no texto original – defendem que era um jarro ou um vaso; não há em Hesíodo uma afirmação clara de que Pandora trouxe o jarro (ou vaso) com ela; e há ainda uma versão atribuída a Bábrio, poeta e fabulista romano que, tendo vivido entre os séculos II e III a.C., teria escrito sobre um mortal que abriu uma caixa e delas apenas coisas boas saíram. Enfim, estamos diante de um quebra-cabeça histórico, do qual buscamos encontrar todas as peças, sem a certeza de que um dia as encontraremos.

Redescoberta na Renascença, Pandora foi retratada por alguns pintores, como afirmam Panofisk, D. e E. (2009). Seguem algumas gravuras que apresentam a mítica personagem.



Ilustração 1 – Joseph Lefebvre, 1882



Ilustração 2 – John William Waterhouse, 1896



Ilustração 3 – Dante Gabriel Rossetti, 1871

O elemento em comum nas três representações, todas pertencentes ao século 19, é a caixa nas mãos de Pandora, objeto que foi erroneamente incluído no mito, retirando de cena o jarro que constava da narração primeira. Esta confusão filológica que perdura até os nossos dias é atribuída ao humanista Erasmo de Rotterdam, no século XVI.

Pandora também foi tema de peça teatral no século XVII, pelas mãos do dramaturgo espanhol Calderón e mais recentemente, no ano de 1926, protagonizou um filme alemão, adaptação do mito grego, onde Peter, editor-chefe de um importante jornal em um caso com a atraente jovem, a coquete

Lulu (Pandora). Peter planeja se casar com a filha do ministro do interior, no entanto Lulu força uma situação que faz com que Peter se case com ela. O casamento dura apenas um dia, pois ele ficou com ciúme de seu próprio filho. Este ciúme acaba provocando uma briga entre Lulu e Peter. Ao brigarem pela posse da arma dele, o revólver dispara e Peter morre. Ela é condenada a 5 anos de prisão, mas seus amigos dão um falso alarme de incêndio, provocando um tumulto, e assim ajudam Lulu a fugir do tribunal. A partir daí, Lulu passa por mil desventuras, entre fugas, chantagens e tráfico internacional de mulheres.



Ilustração 4 – Lulu-Pandora

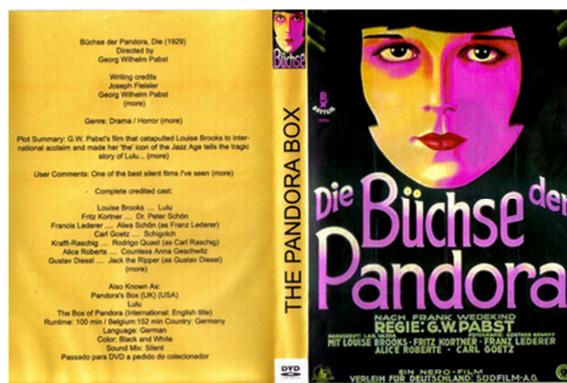


Ilustração 5 – Cartaz do filme

Da escrita original de Hesíodo às posteriores versões e representações artísticas do mito, Pandora permanece como uma criatura ambígua em vários sentidos. Ao mesmo tempo que ela foi criada a partir dos talentos oferecidos pelos deuses, vemos que estes mesmos talentos podem ser utilizados para prejuízo alheio. Sua beleza pode ser usada para seduzir e ocultar seus verdadeiros propósitos. Sua boa argumentação permite que iluda, dissimule a verdade e convença quem a escuta. Sua curiosidade pode ser fatal. Vê-se nas pinturas, as várias faces de Pandora: virginal em Lefebvre, sensualizada em Waterhouse e assustadora em Dante. Quem é esta mulher que escapa à compreensão? E no filme de quase cem anos, Lulu-Pandora é uma coquete, alguém que não mede esforços para seduzir com a aparência e de moral flexível para os padrões da

época, por aceitar ser amante de um homem comprometido. Pandora circula entre a pureza e o pecado.

Ainda que ela não tivesse consciência da extensão de seus atos e tivesse agido de maneira ingênua, foi considerada a responsável pela disseminação do mal sobre a Terra, mesmo tendo sido um instrumento fadado a isto, mais cedo ou mais tarde, por determinação de Zeus. Não havia escolha. Para Lauriola, no entanto, “a razão última da entrada do mal no mundo é Zeus. De fato, Pandora é um instrumento nas mãos de Zeus. É ele quem decide introduzi-la como a fonte de todos os problemas. É Zeus quem cria, através de Pandora, um tipo específico de mal, o mal do engano, que é atraente e bonito por fora, que parece ser algo bom (uma mocinha casta e tímida), mas que esconde coisas ruins dentro” (2005). Mas, além de trazer os males para os mortais, Pandora também

representa um marco histórico: o encerramento da Idade de Ouro, onde não havia necessidade de trabalho entre os homens, atividade considerada inferior. E como a mulher não podia trabalhar, cabia ao homem a tarefa de trabalhar por dois. A mulher era um peso, um estômago a mais para alimentar, no dizer de Hesíodo:

*As abelhas trabalham todo dia até o pôr do sol,  
Ocupadas o dia inteiro fazendo pálidos favos,  
Enquanto os zangões ficam dentro [da colmeia] nos favos vazios,  
Enchendo o estômago com o trabalho dos outros.  
Foi assim como Zeus, o alto senhor do trovão,  
Fez as mulheres como uma maldição para os homens mortais,  
Conspiradoras do mal. E ele juntou outro mal  
Para contrabalançar o bem.  
Qualquer um que escape ao casamento  
E à maldade das mulheres, chega à velhice  
Sem um filho que o mantenha.  
(HESÍODO, *Teogonia* apud LAURIOLA, 2005)*

Ou seja, a mulher era um mal porque obrigava o homem a trabalhar por ela. No entanto, sem a mulher a procriação ficava inviabilizada e o homem não tinha filhos a quem recorrer e pedir auxílio na velhice. Ou seja, a mulher era um mal necessário na sociedade patriarcal grega...

Observa-se também que o mito de Pandora guarda semelhanças com a história de Adão e Eva, da Gênese do Velho Testamento judaico: Deus e Zeus se aborrecem quando o conhecimento – através do fogo ou da maçã – é dado aos homens, a mulher é vista como sedutora e perigosa, o conhecimento é passaporte de um mundo idílico para outro de

sofrimento e trabalho. Esta “coincidência” não causa espanto, na medida que sempre houve um forte intercâmbio e mútua influência entre os diferentes povos e culturas, desde as mais remotas eras. Porém, Lauriola também vê diferenças entre as duas histórias, pois Eva foi ofertada a Adão para ser sua companheira e não com alguma intenção maléfica por parte de Deus. Além disso, Deus advertiu Eva de que não comesse a maçã. Zeus, ao contrário, não só não orientou Pandora quanto à abertura do jarro como sabia que, mais cedo ou mais tarde, ela iria fazê-lo.

*Mas a mulher tirou a tampa da jarra com suas próprias mãos  
E espalhou todas as misérias que significam tristeza para os homens.  
Apenas a Esperança foi deixada no jarro inquebrável,  
Grudada embaixo da tampa, e não pôde voar.*

Chegamos à esperança que ficou presa na tampa da jarra. Várias interpretações podem ser dadas a este fato: enquanto o mal está solto, vivem os humanos sem esperança; não estamos abandonados aos infortúnios, pois sempre teremos a esperança de dias melhores; um bem sempre se faz acompanhar de uma desgraça; a esperança, real ou ilusória, nos mantém diante das dores... Lauriola afirma que a esperança contida numa jarra junto aos males pode significar a própria ambivalência de Pandora e da mulher, boa e má ao mesmo tempo e do que Zeus decide ser o destino humano: uma mistura de coisas boas e ruins.

Mas, será que Hesíodo e seus contemporâneos entendiam a esperança da mesma forma que entendemos hoje? Burke (2012) afirma que não. Segundo ele, a esperança não pode ser entendida como um conceito único, universal e sim como um constructo social, cultural,

político e econômico. Ao longo da História, a esperança correspondeu às aspirações das mais variadas: de “grandes esperanças” – como define Burke – que vão de expectativas relacionadas à vida após à morte até a vinda de símbolos messiânicos que salvem uma coletividade, um grupo social, uma nação; e também de “pequenas esperanças”, que correspondem às utopias (o céu na Terra), aos desejos de igualdade e justiça social, de realização pessoal e familiar. “*Se o ato de ter esperança, que o filósofo marxista Ernst Bloch (1954-1959) chama de Das Prinzip Hoffnung, é atemporal, os objetos da esperança, ao contrário, geralmente são delimitados pelo tempo*” (BURKE, 2012, p. 207).

Burke afirma também que, dependendo do lugar, do momento e das alternativas, as pessoas podem se mostrar mais ou menos esperançosas. E quando tudo em volta aponta para a dor e para o sofrimento, de onde algumas pessoas tiram a crença em dias melhores e conseguem sobreviver física emocionalmente às intempéries? Ainda que não seja a intenção deste artigo aprofundar-se numa perspectiva psicológica, gostaria de apresentar o conceito de resiliência, tomado da Física e da Engenharia pela Psicologia na década de 70. A noção de resiliência teve como um dos seus precursores o cientista inglês Thomas Young, em 1807. Ela refere-se “*à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente*” (YUNES, 2003, p. 75). Na dimensão psicológica, o estudo da resiliência surgiu a partir da observação de crianças que, depois de serem submetidas a profundo estresse psicológico, mantinham sua saúde emocional. Os pioneiros do estudo da resiliência, associaram-na à ideia de invulnerabilidade absoluta, como se fôssemos inabaláveis. Mas, as pesquisas

mais recentes apontam para resistência ao estresse como sendo relativa, condicionada a questões constitucionais e ambientais. Resiliência e invulnerabilidade não são termos equivalentes, afirmam Zimmerman e Arunkumar (1994) apud Yunes (2003). Segundo estes autores, *resiliência refere-se a uma “habilidade de superar adversidades, o que não significa que o indivíduo saia da crise ileso, como implica o termo invulnerabilidade”* (YUNES, 2003, p. 77). Isto é, existem pessoas que conseguem resistir a severas dificuldades e manter sua integridade emocional, depois de passada a tempestade. Ainda que não saiam *ileso*. Mas suas cicatrizes não os incapacitam. Estudiosos, como foi mencionado acima, atribuem esta capacidade a fatores constitutivos e ambientais. Sobre os primeiros, talvez tenhamos pouco controle. Mas sobre os últimos, os ambientais, é possível uma ação mais objetiva e concreta. Quais circunstâncias externas podem facilitar ou dificultar a passagem por um período de estresse? Como auxiliar aqueles que precisam de esperança para sobreviver e, mais ainda, viver com alguma qualidade de vida? Seria a Literatura um instrumento positivo neste sentido?

Petit (2009), uma antropóloga francesa, apresenta sua pesquisa realizada em países como Argentina, Colômbia e Brasil. Ela acompanhou experiências de leitura compartilhada mediadas por professores, bibliotecários, psicólogos, artistas, escritores, editores, livreiros, trabalhadores sociais ou voluntários com crianças ou adultos expostos a um isolamento social mais ou menos acentuado, somado a adversidades múltiplas. A leitura era levada a pessoas e grupos que não tinham normalmente acesso a livros, em geral pouco escolarizados, vindos de ambientes pobres, marginalizados.

O poder da leitura já é conhecido por muitos leitores ávidos, poder de lhes retirar por breves momentos de uma realidade cruel ou de auxiliá-los a enfrentar a realidade, mais conscientes de sua capacidade interior. *“Marc Soriano contou um dia como Pinóquio o ajudara, quando criança, a sobreviver à morte de seu pai e à grave anorexia que em seguida ameaçou sua vida. Ele teria “devorado, mastigado, ingerido, regurgitado Pinóquio”, no qual teria encontrado “ao mesmo tempo o seu crime e a salutar revolta que lhe deu força para lutar contra o massacrante sentimento de culpa que a morte bastante real de seu pai ameaçava tornar irreversível e fatal”. Avaliamos aí o quanto uma obra, às vezes, nutre literalmente a vida. Em troca, Soriano dedicou a sua a estudar contos.”* (PETIT, 2009, p. 9)

E para aqueles que não tinham intimidade com a leitura, o trabalho persistente e singular dos mediadores foi promover este encontro, permitir àquelas pessoas tão usurpadas em suas vidas de tantos direitos, o pleno direito (e não o convencimento) de fazer uso de uma riqueza cultural que também lhes pertence. *“Nossos interlocutores se referiam a alguma coisa mais abrangente do que as acepções acadêmicas da palavra “leitura”: aludiam a textos que tinham descoberto em meio a um tête à tête solitário e silencioso, mas também, algumas vezes, a leituras em voz alta e compartilhadas; a livros relidos obstinadamente, e a outros que haviam somente folheado, apropriando-se de uma frase ou de um fragmento; aos momentos de devaneio que se seguiram à relação de convívio com a escrita; às lembranças heterogêneas que ali encontravam, às transformações pelas quais passavam. Mais do que a decodificação dos textos, mais do que a exegese erudita, o*

*essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas”* (PETIT, 2009, p.12).

Não se tratou, portanto, de fórmula mágica, nem da apresentação de livros de “autoajuda”. Não foi o caso de oferecer conselhos ou fazer preleções. O que se ofereceu foi o livre acesso a lendas, contos, mitos, provérbios, cantos e tudo o mais que pudesse permitir simbolizar conflitos e sentimentos, colocar em palavras o que muitas vezes pareceu indizível, humanizar a vida.

### Conclusão

Na parte inicial deste artigo, mostrei o valor que o mito tinha na sua sociedade de origem, valor agregador, explicativo, regulador, sagrado. Apesar de não serem mais compreendidos da mesma forma na atualidade, eles continuam suscitando reflexão e identificação, por tratarem de vivências que ainda dizem respeito à ordem do humano, tão humanos eram os deuses...

Tratando mais especificamente da mitologia grega, apresentei o mito de Pandora, através o qual entramos em contato com a sociedade patriarcal grega, que via a mulher como o instrumento dos deuses para trazer aos homens toda a espécie de malefícios, entre eles a obrigação de manter sua existência através do trabalho, atividade desvalorizada pelos gregos. E ainda tinha que trabalhar dobrado, por ele e pela mulher tomada em casamento. Pandora, a primeira mulher, era e continuou sendo ao longo dos séculos porvindouros, a representação do mal escamoteado, fingido, oculto por uma aparência bela e sedutora.

E se foi a porta-voz de desgraças para os mortais, também trouxe aos homens a esperança. Pois antes de sua vinda à Terra, quando tudo era próspero e ditoso, não se sentia falta da esperança. Afinal, não havia o que se ansiar de benfazejo para o futuro, já que o presente sorria para todos sem distinção.

A esperança é uma construção histórica, assumindo sentidos diversos para diferentes grupos sociais. O que os gregos aspiravam, sonhavam, não era, possivelmente, o que hoje nos acalenta. Mas, como demonstram as pesquisas sobre resiliência realizadas pela Psicologia, pessoas e grupos que têm esperança na superação das dificuldades, além de objetivos claros de vida, flexibilidade diante das mudanças, perseverança, entre outras características, são mais capazes de enfrentarem e saírem íntegras emocionalmente das situações de crise.

Por fim, demonstrei através do trabalho de leitura compartilhada realizado com grupos sociais marginalizados em diversos países, protagonizado por Petit, seus mediadores culturais e seus frequentadores, que a Literatura pode ser a esperança deixada na tampa da jarra para que caminhemos nesta vida entre dores, mas sem que por isso sejamos paralisados por elas. Encerro recorrendo à genialidade de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, comprovando que, quando nos faltam palavras próprias, sempre teremos a Literatura.

*“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza”.*

## Referências

- BRANDÃO, J. de S. **Mitologia Grega**. Volume 1. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BURKE, P. **A esperança tem história?** Tradução: Carlos Malferrari. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/39493> Acesso em: 30/07/2015.
- BUSSATO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- HARRISON, J. E. **Prolegomena to the study of greek religion**. 1908. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandora#cite\\_note-12](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandora#cite_note-12) Acesso em: 30/07/2015.
- LAURIOLA, R. **Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do Mal no mundo grego antigo**. Tradução: Eva Bueno. Revista Espaço Acadêmico, nº 52, setembro de 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm> Acesso em: 30/07/2015.
- PANOFISH, D. e E. **A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico**. Tradução: Vera Maria Pereira. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.
- PELLIZER, E. **Dicionário Etmológico da Mitologia Grega**. abr. 2013. Disponível em: [http://demgol.units.it/pdf/demgol\\_pt.pdf](http://demgol.units.it/pdf/demgol_pt.pdf) Acesso em: 30/07/2015.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- YUNES, M. A. M. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, p. 75-84, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10> Acesso em :30/07/2015.

Recebido em 2015-09-23  
Publicado em 2016-03-13